

# Heróis e soberanos no universo poético de *Os Lusíadas*

MARIA ELIZABETH GRAÇA DE VASCONCELLOS  
Profª de Literatura Portuguesa da  
Faculdade de Letras da UFRJ

*Para Cleonice Berardinelli*

Um dos componentes fundamentais de uma narrativa épica é, sem dúvida, a constelação de heróis, responsáveis pelo desenvolvimento da ação. Constitui, portanto, nosso objetivo mostrar como se estrutura tal constelação na epopéia camoniana. Para tal, lançamos mão não só do estudo de Ernst Robert Curtius — “Heróis e soberanos” —, como também dos conceitos de Gilbert Durand, expostos em *Les structures anthropologiques de l’imaginaire*.

## 1. O conceito de heroísmo através da História.

Diz Ernst Curtius: “O herói é um ideal humano, como o santo e o sábio. Compete à filosofia dar uma enumeração completa desses tipos ideais, estudá-los e classificá-los.”<sup>1</sup>

Referindo-se a Max Scheler, mostra, ainda, que este propõe cinco valores básicos: a santidade, os valores intelectuais, a nobreza, o útil e o agradável. A estes valores correspondem cinco tipos de personalidades ou paradigmas: o santo, o gênio, o herói, o dirigente da civilização e o artista do prazer. Assim, o herói deverá ser

*( . . . ) o tipo de pessoa ideal, com o centro de seu ser fixado na nobreza e suas realizações, portanto em valores vitais “puros” e não técnicos, e cuja virtude fundamental é, naturalmente, a nobreza do corpo e da alma.*<sup>2</sup>

---

Estudo inicialmente apresentado sob forma de conferência na Biblioteca Regional de Copacabana para o curso “Luís de Camões e a epopéia renascentista portuguesa”, em junho de 1980.

Cruzam-se, na História, ethos e religião, de acordo com as diferentes culturas, pois algumas dão primazia à religião e outras ao valor guerreiro. Em nenhuma cultura antiga — egípcia, chinesa, indiana ou isrealita — o belicismo e o ethos heróico exercem prioridade. Já a epopéia homérica, vinculada a um quadro histórico, constitui uma poesia de louvor aos antepassados e à raça. Para Homero, o equilíbrio entre a força e a razão é o ideal da virtude do guerreiro. Enquanto o guerreiro comum deve ter profundo “conhecimento das batalhas”, os chefes necessitam, ainda, de valentia e saber. Assim, dentre todos os heróis homéricos é Ulisses quem alia a “sabedoria da velhice” à “impetuosidade da juventude”. Diz Curtius: “Só em Ulisses parecem confluír, em justa proporção, o heroísmo, a capacidade guerreira e a sabedoria.”<sup>3</sup>

Considerando, agora, *Os Luíadas*, percebe-se que essa aliança ideal também ocorre não só no plano da História de Portugal — onde se movimentam tanto o cavaleiro medieval, quanto o marinheiro do século XV, perpetuador da saga portuguesa —, como no do próprio poeta, “herói” dos excursos.

## 2. A visão mágica do poeta.

Se já na *proposição*, com

*As armas e os barões assinalados  
Que, da Ocidental praia Lusitana,  
Por mares nunca de antes navegados  
Passaram ainda além da Taprobana,  
( . . . )*

*E também as memórias gloriosas  
Daqueles Reis que foram dilatando  
A Fé, o Império, e as terras viciosas  
( . . . )  
Cantando espalharei por toda parte.  
Se a tanto me ajudar o engenho e arte.*

(Lus., I, 1-2)

evidencia-se o objetivo de cantar o binômio VALOR-SABEDORIA, e mais adiante, ao convocar D. Sebastião a *ver*, que o poeta, inscrevendo o soberano num espaço de excelência, não só privilegia o seu “ouvinte”, como também valoriza-se a si próprio.

Dessa relação nasce a epopéia que tem como preocupação constante o *mostrar*, o *plasticizar*, conforme ensina Emil Staiger.<sup>4</sup> A aventura, desenvolvida sob o olhar do soberano — que, em posição privilegiada, contempla —, é reproduzida pela palavra do poeta. E é que, com sua visão mágica, *re-apresenta* não só o passado como um tempo forte, como lê, ainda, na viagem marítima do Gama, a retificação da Verdade dos primórdios.

E se, como explica Mircea Eliade

*( . . . ) recitando ou celebrando o mito da origem, o individuo dei-*

*xa-se impregnar pela atmosfera sagrada na qual se desenrolaram  
esses eventos miraculosos.*<sup>5</sup>,

é como homem do Renascimento, impulsionado pela necessidade de imortalizar a saga de seu povo, que Camões reconhece no trabalho poético a mais perfeita gravação.

Assim, consciente de sua missão como recitador da matéria mítica, Camões retifica a sua posição privilegiada, ao mesmo tempo que critica asperamente aqueles que não reconhecem a importância das Letras:

*Enfim, não houve forte Capitão  
Que não fosse também douto e ciente,  
Da Lácia, Grega ou Bárbara nação,  
Senão da Portuguesa tão somente.*

(Lus., V, 97, v.1-4)

E se, valorizando o seu fazer poético, atualiza a importância do SABER, é pela referência às armas que esclarece também a sua aliança com o VALOR guerreiro:

*Pera servir-vos, braço às armas feito;  
Pera cantar-vos, mente às Musas dada;*

(Lus., X, 155, v.1-2)

### 3. O elogio do soberano: D. Sebastião.

É nas treze estrofes que formam as *dedicatória* que se pode ler, através das redundantes qualificações a D. Sebastião, a posição privilegiada do soberano. Enquanto os epítetos, que conduzem a uma expansão, permitem o registro dos classemas *unicidade*, *superioridade*, *privilegio*, *sabedoria* e *passividade majestática* para o monarca, no uso do pronome *vos* leva a uma condensação que só se torna evidente na medida em que se tem conhecimento da civilização cristã-monárquica-portuguesa-assinalada. Assim o

*( . . . ) tenro o novo ramo florescente,  
De hũa árvore, de Cristo mais amada  
Que nenhũa nascida no Ocidente,*

(Lus., I, 7, v.1-3)

apresenta-se como o “Messias esperado” e, como soberano do reino, é configurado como aquele que encarna um dos valores básicos propostos por Scheller, isto é, o *útil* que corresponde à personalidade do dirigente da civilização.

Entretanto, se nesse Canto I D. Sebastião é apresentado como “maravilha fatal da nossa idade”, no Canto X é a advertência.

*A disciplina militar prestante  
Não se aprende, Senhor, na fantasia,  
Sonhando, imaginando ou estudando,  
Senão vendo, tratando e pelejando.*

(Lus., X, 153, v.5-8)

que ilumina o seu aspecto carente.

Assim, mais uma vez, o poeta reassegura sua posição de anunciador do mundo, na medida em que é capaz de iluminar tanto as falhas do povo – no plano do SABER –, quanto as do soberano – no plano do VALOR.

#### 4. A “forte gente portuguesa”.

É ainda Ernst Curtius que, discorrendo sobre a união do “valor” e do “saber”, esclarece que enquanto o soldado deve apresentar como componentes materiais a ciência do combate ou da batalha, a capacidade na luta e no conselho de guerra, a capacidade numa arma especial, o herói, por sua vez, deve apresentar como componentes espirituais a sabedoria da experiência da velhice, a sabedoria do homem maduro e a eloquência.<sup>6</sup>

Assim, catalisando uma constelação vocabular altamente positiva, Vasco da Gama torna-se a encarnação do binômio VALOR-SABEDORIA. Se enquanto *forte, valeroso e grande* atualiza a *atividade bélica*, é como *sábio, cauto, discreto, esclarecido, nobre, facundo, claro, sublime* que demonstra *sabedoria*. Atesta-se, portanto, em Vasco da Gama – assim como em Ulisses – a aliança de valores opostos que tão dificilmente é encontrada num mesmo herói.

E se como último membro da série “Homem > homem do Renascimento > português”, o Gama reencena a positividade dos primórdios, é lícito reconhecer no elemento anterior a ele idênticas qualificações. Enquanto no passado do contado a “famosa gente”, nas referências a ideais vassalos e a reis, é insistentemente elogiada como *forte, invencibil, famosa, vencedora*, no presente do contado, ou seja, na viagem, é marcada como *beligera, belicosa, guerreira, forte, fortíssima, peregrina, manceba, verdadeira, ilustre e inumana*, sinais que confirmam a positividade dos primórdios.

Por outro lado, reconhecendo em determinados vultos da História portuguesa a aliança dos valores materiais e espirituais, o poeta não se acanha de nomeá-los por duas vezes. É o caso de Afonso Henriques – *forte, zeloso, sublime, subido, excelente* –, Egas Moniz – *forte, claro espelho, leal vassalo* – e Nun’Álvares – *forte, capitão devoto, eloquente* – que, depois de apresentados nos cantos III e IV, são relembrados ainda no canto VIII.

E se as atitudes essenciais do herói são a vigília, a atividade guerreira, o sofrimento e a nobreza de alma, é com igual atenção que o poeta nelas se detém. Quanto à vigília, ensina Mircea Eliade:

( . . . ) *não dormir não significa somente triunfar sobre a fadiga física, mas sobretudo dar provas de força espiritual. Permanecer “vígil” significa estar plenamente consciente, estar presente no mundo do espírito. Jesus exortava incessantemente os seus discípulos a que vigiassem* (cf. p. ex., Mateus, 24 :42).<sup>7</sup>

Portanto, o homem que é capaz de se manter acordado é o verdadeiro herói “assinalado”. No poema camoniano, então, é mostrada, não só a importância da vigília iniciática – Lus., IV, 86-87 –, mas também a vigília como garantia de vida, sendo a narrativa de Veloso a que melhor preenche tal função.

E em seguida, enquanto a atividade guerreira é mostrada nos cantos III e IV, através das três batalhas — Ourique, Salado e Aljubarrota —, o sofrimento aparece retratado no caso de Sepúlveda, ameaçado pelo Adamastor —

*Outro também virá, de honrada fama,  
Liberal, cavaleiro, enamorado,  
E consigo trará a fermosa dama  
Que Amor por grão mercê lhe terá dado.  
Triste ventura e negro fado os chama  
Neste terreno meu, que, duro e irado,  
Os deixará dum cru naufrágio vivos,  
Pera verem trabalhos excessivos.*

(Lus., V, 46) —,

e ainda no sacrifício de D. Fernando, o Infante Santo:

*Viu ser cativo o santo irmão Fernando  
(Que a tão altas empresas aspirava),  
Que, por salvar o povo miserando  
Cercado, ao Sarraceno se entregava.*

(Lus., IV, 52, v. 1-4)

Finalmente, com a nobreza de alma, ilustrada pela referência a Egas Moniz — Lus., VIII, 13 — ficam patenteados na epopéia camoniana os valores essenciais que caracterizam o verdadeiro herói.

Assim, através do inventário das qualidades atribuídas ao soberano e à “forte gente portuguesa”, evidencia-se, no poema, o binômio VALOR-SABEDORIA. Por outro lado, sempre armados, os heróis camonianos reencenam a atividade característica do herói solar, cujo protótipo é o guerreiro violento, como explica Gilbert Durand.<sup>8</sup> Símbolo de força e de pureza, a espada é o dom do alto utilizado pelo herói a fim de garantir a vitória do BEM e da LUZ sobre o MAL e as TREVAS. Nesse sentido, a ação dos portugueses tem como finalidade desbaratar o oponente carregado de atributos negativos, quer seja ele uma entidade mitológica — como Baco ou Adamastor —, quer seja, ainda, um habitante das terras ditas “viciosas”.

## 5. E ainda a voz do poeta . . .

Ao lado do elogio que tece tanto ao soberano, quanto à “forte gente”, Camões não pode esquecer seu desalento frente a um povo que não sabe dar vaio às Letras e a um monarca que se deixa dominar pelos “aderentes do paço”. Dessa maneira, tanto o herói Vasco da Gama, quanto D. Sebastião têm revelado o seu aspecto carente: aquele no nível das ciências e este no nível das armas. E o desalento final de Camões repercute, ainda, nos poetas contemporâneos que nele se reconhecem:

*E aqueles que invocaste não te viram  
Porque estavam curvados e dobrados*

*Pela paciência cuja mão de cinza  
Tinha apagado os olhos no seu rosto  
Irás ao paço irás pacientemente  
Pois não te pedem canto mas paciência  
Este país te mata lentamente*

(“Camões e a tença”, Sophia de Mello Breyner)

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- <sup>1</sup> CURTIUS, Ernst Robert. “Heróis e soberanos”. In: \_\_\_\_\_. *Literatura européia e Idade Média latina*. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1957, p. 174.
- <sup>2</sup> Id., *ibid.*, p. 174.
- <sup>3</sup> Id., *ibid.*, p. 178.
- <sup>4</sup> Cf. STAIGER, Emil. “Estilo épico: a apresentação.” In: \_\_\_\_\_. *Conceitos fundamentais da Poética*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1969.
- <sup>5</sup> ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. São Paulo, Perspectiva, 1972 p. 21.
- <sup>6</sup> Cf. CURTIUS, *op. cit.*, p. 179.
- <sup>7</sup> ELIADE, *op. cit.*, p. 117.
- <sup>8</sup> Cf. DURAND, Gilbert. *Les structures anthropologiques de l’imaginaire*. Paris, Bordas, 1973, p. 178 e segs.